

Viva a Macroeconomia

Em tempos de crise econômica, não há nada mais popular do que execrar economistas. Afinal de que servem os modelos econômicos e toda a parafernália estatística que se ensina no banco da Universidade, se economistas não são capazes de antever nem prevenir crises da monta atual?

Pode parecer paradoxal, mas foi justamente durante a crise atual que se confirmou a utilidade do instrumental macroeconômico para todos os observadores zelosos da economia brasileira. Este ano, durante a maior crise econômica dos últimos três quartos de século, a taxa de juros básica no Brasil caiu em meio a fuga de capitais e a elevação do preço da moeda americana, sem conseqüências negativas para a dinâmica inflacionária.

Tal feito é marcante para economia brasileira, que pegava uma gripe suína a cada resfriado das economias centrais. É um marco porque a possibilidade de realizar política monetária contracíclica, ou seja, imprimir dinheiro para estimular a demanda quando o crescimento cai, é apenas prerrogativa de países com economias estáveis, com bom grau de credibilidade e previsibilidade.

Como mostra o estudo de Aguiar e Gopinath (2007), em países emergentes com baixo grau de previsibilidade, pouco se sabe sobre o futuro que não a taxa crescimento atual. Quando o presente se torna a melhor previsão para o futuro, o ciclo econômico se torna a verdadeira tendência. Neste caso, porque investir num país imprevisível que ora cresce pouco? O Brasil viveu essa espécie de pesadelo macroeconômico nos últimos anos, onde cada revés econômico se traduzia em piores expectativas e fuga de recursos.

No entanto, em meio a toda essa turbulência na economia e da consolidação da democracia, o Brasil vem desde o início dos anos 90 adotando prescrições da macroeconomia que nos permitiram alcançar o logro em tela. A abertura da economia para produtos importados ampliou a competição abrindo portas para a estabilização da moeda (fim da mega -inflação) com o Plano Real. Este último trouxe dificuldade para muitos bancos, o que levou ao saneamento bancário com o Proer. A era de inflação baixa foi consolidada com a adoção da política monetária com metas para inflação. A baixa inflação com bancos saudáveis criaram a estabilidade necessária para a retomada do crescimento e do crédito, além da política monetária contra-cíclica.

Claro que nem tudo são flores: a abertura da economia causou quebradeira de várias indústrias, os juros altos para manter o valor da moeda nacional junto a expansão de gastos públicos que seguiram a estabilização econômica elevaram a dívida pública e o tamanho do

estado enormemente. No entanto, ao fim e ao cabo da história as prescrições macroeconômicas no longo prazo funcionaram.

Termino o artigo com a seguinte história: recentemente fui a uma noite de autógrafos que lançava o livro "Como reagir à crise? Políticas econômicas para o Brasil", uma coletânea de artigos curtos de vários colegas de profissão organizada pelos professores Edmar Bacha e Ilan Goldfajn. Gostaria de deixar registrado aqui, o recado que o nosso ilustre Professor Bacha deixou na capa da minha cópia do livro: "A macroeconomia sobrevive!". Parabéns a todos que sempre acreditaram.

Igor Barenboim é PhD em economia por Harvard e subsecretário de Administração da cidade do Rio de Janeiro